

notas de natureza filológica que descrevem o estado dos manuscritos e o modo como foram aproveitados para estabelecer o texto dos poemas, informações indispensáveis ao estudo mas não a uma leitura de proveito ou deleite”.

Se desta edição de 1992 estão ausentes minucioso Aparato Genético e informações a respeito do papel usado, da escrita ser a lápis ou caneta, feita à mão ou à máquina etc., por outro lado, ela inclui os 12 inéditos identificados por Teresa Rita Lopes, mais os 26 descobertos por Cleonice Berardinelli recentemente. Essa massa textual que até agora se desconhecia, nas palavras de Ivo Castro não irá produzir “grandes surpresas”, mas terá sem dúvida “o efeito de adensar, avolumar e consolidar o nosso conhecimento de Álvaro de Campos”.

Na introdução, Cleonice Berardinelli diz quais os critérios adotados; refere a inclusão de alguns poemas e exclusão de outros; explica a organização do volume; alude aos planos de Pessoa para Campos; mostra as razões que a levaram a reorganizar os textos de alguns poemas (“Saudação a Walt Whitman”, por exemplo). Na totalidade temos agora mais de 203 poemas, a saber: 15 poemas iniciais, reunidos sob o título de “Arco de Trilunfo”; (A) poemas com atribuição de autoria e com data (n° 16 a 84); (B) poemas com atribuição de autoria e sem data (n° 85 a 121); (C) poemas sem atribuição de autoria e com

data (n° 122 a 147); (D) poemas sem atribuição de autoria e sem data (n° 148 a 185). Compreende ainda o volume um apêndice (poemas 186 a 203). Disse acima que se tratava de uma massa de poemas superior a 203, porque os poemas recém descobertos foram intercalados entre os publicados em 1990, obedecendo-se à cronologia. Assim, por exemplo, tem-se o poema “Mestre, meu Mestre querido!”, com o n° 129. O de n° 129¹ inicia-se pelo verso “Às vezes medito” e o de n° 129² traz o título *Na última página de uma antologia nova*.

Reitero: os estudiosos e apaixonados por Fernando Pessoa tem com o presente volume um indispensável instrumento de trabalho e um prazer novo ou renovado com a leitura dos inéditos e dos familiares, alguns com disposição e leitura reformulada dos versos.

Beatriz Berrini

ANTUNES, António Lobo.

As Naus.

Lisboa, Dom Quixote, 1988.

Numa entrevista ao *Jornal de Letras, Artes e Idéias* (Lisboa, N° 300, Abril, 1988), Lobo Antunes define o seu romance *As naus* como “uma tentativa de dar, sob forma onírica, o retrato deste país em que o passado e o presente se misturam a meio do caminho entre o real e o fantástico, que é o que este país é e foi, pois nunca se

saberia o que aconteceu se a gente não visse ali os Jerónimos e a Torre de Belém". Trata-se, portanto, n'As *naus*, de descobrir a face de Portugal ocultada por séculos de imposição de uma falsa imagem; trata-se de apreender o presente português, relendo o passado da História com os olhos limpos da névoa mitificadora da ideologia oficial. O 25 de abril de 1974, com a posterior independência das chamadas "Províncias Ultramarinas", deflagra a viagem de volta das caravelas da expansão; milhares de portugueses, herdeiros de descobridores e sobreviventes do naufrágio imperial, retornam dessas Províncias, via de regra depois de muito tempo de ausência, esperando reencontrar a terra e a si mesmos, idênticos ao momento da partida. O romance de Lobo Antunes nos conta esse trágico e desalentado regresso, acentuando a visão carnalizadora da conquista, do passado de glórias perdidas há muito. Assim, n'As *naus* chegam, derrotados, Pedro Álvares Cabral, "um homem chamado Luís" a quem falta a vista esquerda, Vasco da Gama, Diogo Cão, Manuel de Sousa de Sepúlveda, Francisco Xavier e Fernão Mendes Pinto. Além destes - no romance varões nada ilustres - volta da Guiné um casal, trazendo na bagagem de nada o anonimato de milhões de outros emigrantes que, em *naus* de exílio mas também de utópica esperança, partiram de suas aldeias em busca de mais

largos horizontes para a sua estrangulada miséria. N'As *naus* voltam os edificadores do Império, de nomes mitificados pela ideologia expansionista e volta também a arrala-miúda cujos nomes a História nunca saberá, todos reencontrando em Portugal, nas suas estórias individuais paralelas e até certo ponto independentes, a convivência fantástica de vários tempos, síntese da força do passado no presente. Neste romance, a carnavalesca desmitificação da História portuguesa: a vã glória do passado e o presente, depois de superada a euforia revolucionária, utópica e falsa. Pela carnavalesca, nos deparamos com uma visão do mundo ao avesso - no caso dos descobrimentos, da não-glória de desconhecidos varões. Pedro Álvares Cabral, como outros "retornados" ilustres do século XVI, tem alteradas as circunstâncias da sua vida pessoal e pública: é um pobre homem sem lugar no mundo, reduzido à estatura de um homem qualquer, que teve uma vida igual à de qualquer outro que deixou tudo para trás. Ou, invertendo a leitura dessa desmitificação, poder-se-ia concluir que, qualquer homem, com uma vida qualquer, que deixasse sua terra para aventurar-se em outros horizontes de diáspora, seria tão digno de mitificação quanto os chamados varões assinalados dos descobrimentos: eis talvez a razão pela qual, na narrativa, o casal anônimo se alinha, em importância, aos grandes nomes da História. O Vasco da

Gama d'As naus acha a sua glória não no usar o seu conhecimento e sorte para desbravar os mares desconhecidos, mas no aplicar a experiência e esperteza em outro tipo de aventura, no livro bem mais rendosa que o da empreendida na sua vida histórica: o jogo; Francisco Xavier, ao explorar as prostitutas, "Tágides de lamé", que moram na sua pensão "Residencial Apóstolo das Índias", vive da devassidão, ao contrário do Santo que foi ao oriente combatê-la; Manuel de Sousa de Sepúlveda, marcado historicamente pela tragédia do seu naufrágio, não morre à míngua, enriquece com a exploração da alegria de seus bares, pensões e boates. Fernão Mendes Pinto, na História várias vezes escravo, explora no romance as "Tágides" ou "serelas" - escravas da prostituição; Diogo Cão não tem n'As naus a obsessão histórica do achamento e posse de novas terras, mas a louca fantasia da descoberta do paraíso das perdidas ninfas, das "Tágides", outrora inspiradoras do "som alto e sublimado" do poema camoniano, e agora, naufragado o Império, desaparecidas do rio alegremente celebrado pelo poeta. O Luís de Camões histórico é, no romance, o poeta da glória que não há: "um homem chamado Luís" - com o nome Camões significativamente sempre omitido - que começa a escrever, na esplanada do café da estação de Santa Apolónia, a primeira oitava heróica de uma vaga

epopéia com amores desastrosos de alas e reis; mas o que marca o personagem não é o seu poema - é a obsessiva preocupação com o cadáver do pai que trouxe com ele de África, e com quem vagueia pela cidade de Lisboa quase sempre margeando o Tejo, à procura, sem sucesso, de um lugar para enterrá-lo. Fazendo-se a associação pater/pátria, poder-se-ia ler neste errante cadáver insepulto a pátria-passado-de-glória que se decompõe fetidamente, que se vai diluindo, e cujo destino final é alimentar, como adubo, ferozes criaturas que dele precisam para sobreviver - n'As naus, as plantas carnívoras do botânico-farmacêutico Garcia da Orta.

O abandono das interdições, a inversão da ordem hierárquica, a profanação do mito, típicas da percepção carnavalesca do mundo, estão presentes, por exemplo, no grotesco das falas e atitudes do rei D. Manuel, de coroa de lata e cabelos de estopa, que passeia com o Gama num velho Ford conversível e que joga sueca com os seus súditos. De percepção carnavalizante são também: a força do elemento cômico; as situações excepcionais geradas pela convivência simultânea de vários tempos e espaços - guindastes e labareda de Siderurgia ao lado do esqueleto de um supliciado no seu patíbulo e de naus do Ceilão - a representação de estados psíquicos inabituais - os delírios de Diogo Cão e os ecos imaginários das trombetas

castelhanas nos ouvidos de Nun'Álvares, em sua boate "Aljubarrota" -, e até a quebra da norma, do registro lingüístico esperado, expressão da desmitificação histórica.

É importante assinalar ainda a presença de dois códigos imagísticos muito significativos: um, de doença e podridão, que reforça a idéia da decomposição do passado e de sua teimosa sobrevivência; e outro, o da navegação, ratificador da errância da viagem em terra dos personagens e que, embora permeie todo o romance, alcança um altíssimo nível poético ao ser empregado para descrever o tão esperado encontro sexual de Diogo Cão com sua envelhecida e fiel apaixonada Tágide-prostituta.

O romance *As naus* é, portanto, uma corrosiva e magistral visão carnavalizadora de Portugal, passado e presente; é um texto fascinante que, ao desentronizar mitos criados pela ideologia oficial, desmascara a vocação portuguesa da nostalgia do Império, que levou o país a perseguir, durante séculos, uma enganosa e cada vez mais distante utopia.

Margarida Alves Ferreira

ANDRADE, Carlos Drummond de. *O amor natural*. São Paulo: Record, 1992.

O mais artificial amor
O amor que enforma os
versos de Drummond neste livro

se qualifica como "natural" por seguir a ordem da natureza, por ser instintivo ou por integrar a própria índole do autor. Todas essas acepções parecem legítimas no caso, e não se excluem. Entretanto, como, mais uma vez, o leitor do Drummond se depara, acima de tudo, com um fazer poético que se afirma pela condição, pelos saberes, quase por sua solenidade, este amor podia dizer-se bem "artificial": o poeta não se libera de sua tarefa de artífice da linguagem para tratar do sexo.

Evidentemente, isso não protege a obra de escândalos. Haverá quem da leitura saia afirmando gloriosamente que o poeta gostava de sessenta-e-nove e de colto anal. Tolice prestar-se ao trabalho de ler quarenta poemas por tão pouco. Se a transcendência da angústia humana ou da luta social perde neles espaço para os prazeres do corpo, a poesia não se afasta nem se avexa. Só que temos aqui, em vez de duas mãos e um sentimento do mundo, membros, olhos, boca, bunda, e sentidos bem denotativos: tato, paladar, olfato, visão, audição, deliciosamente misturados.

Como os quarenta poemas não são homogêneos, a leitura pode transformar-se em diversas experiências de recriação, questão de gosto. Há poemas com toda uma filosofia de vida que, embora nos remeta ao velho Drummond, faz uma clara opção pelo sensível, renegando qualquer pessimismo schopenhaueriano. Há narrativas